

**Razão, cientificismo e metodologia: a adesão de Hayek à complexidade a partir do desenvolvimento de sua crítica metodológica no *Abuse of Reason Project***

Keanu Telles  
Universidade Federal do Paraná  
E-mail: [keanutelles@gmail.com](mailto:keanutelles@gmail.com)

Eduardo Angeli  
Universidade Federal do Paraná  
E-mail: [angeli@ufpr.br](mailto:angeli@ufpr.br)

**Resumo:** O presente artigo expõe uma narrativa de como a questão da complexidade em Hayek emerge de suas preocupações metodológicas, e, de modo mais específico, de seus textos que comporiam as duas primeiras partes do *Abuse of Reason Project*, quais sejam, o artigo “Individualism: True and False”, de 1946, “Scientism and the Study of Society”, publicado entre 1942 e 1944, e “The Counter-Revolution of Science”, de 1941. Com isso, mostra-se que a questão da complexidade surge paulatinamente de forma orgânica e integrada ao programa de pesquisa hayekiano da década de 1940.

**Palavras-Chave:** F. A. Hayek; Complexidade.

**Abstract:** The paper brings a narrative on how Hayek’s complexity approach is raised from his methodological inquiries, and particularly from the works that make parts I and II of The Abuse of Reason Project, namely, “Individualism: True and False”, published in 1946, “Scientism and the Study of Society”, published between 1942 and 1944, and “The Counter-Revolution of Science”, published in 1941. It is showed that complexity can be seen as a kind of natural outcome of Hayek’s research agenda in the 1940’s.

**Keywords:** F. A. Hayek, Complexity.

**JEL:** B25, B31, B41.

**Área de Avaliação:** 1 (História do Pensamento Econômico e Metodologia).

## Razão, cientificismo e metodologia: a adesão de Hayek à complexidade a partir do desenvolvimento de sua crítica metodológica no *Abuse of Reason Project*

### 1. Introdução

Hayek é um dos principais nomes associados ao advento da abordagem da complexidade à Economia (Vaughn, 1999b; Mauerberg Junior, 2013). Em meados do século XX, o austríaco já alertava que existia uma confusão metodológica por parte dos economistas: eles invejariam as ciências por ele chamadas de simples, tais como a física, o que implicava em tentativas de importação de seu método, ainda que a natureza do objeto que eles, economistas, tinham fosse fundamentalmente diferente.

O conjunto de trabalhos de Hayek tem sido tema de diversas pesquisas que vêm lidando com a vasta obra do Austríaco. Tentativas de interpretação e sistematização têm ocorrido ao longo das últimas décadas, tais como os livros de Caldwell, 2004a; O'Driscoll, 1977; Fleetwood, 1995; Steele, 1993; Gray, 1984. Em tal contexto, o presente artigo busca dar uma contribuição que torne mais explícito como o desenvolvimento do posicionamento metodológico de Hayek na década de 1940 acabou por desaguar na abordagem da complexidade. Nesse sentido, o texto se coloca em linha com a perspectiva exposta por Caldwell em seu tratado sobre Hayek, quando interpretou “the development of his [Hayek’s] ideas regarding methodology as a unifying theme” (Caldwell, 2004a, p. 11).

Hayek publicou, em 1937, o artigo *Economics and Knowledge*, no contexto de sua inserção no debate do cálculo econômico socialista (Caldwell, 1988; Kirzner, 1988; Vaughn, 1999a, b). A crítica e a posição de Hayek no debate do cálculo econômico de certa forma serviram como um meio catalisador da sua abordagem *sui generis*, culminando na formulação do verdadeiro problema econômico na perspectiva hayekiana em “Economics and Knowledge” (Hayek, 1937). Começando como um economista teórico preocupado com “flutuações industriais” até a sua fase de filósofo social maduro engajado com a noção de ordem espontânea e evolução cultural, Hayek buscou desenvolver investigações a uma pergunta formulada explicitamente pela primeira vez em seu ensaio “Economics and Knowledge” (Hayek, 1937). É em 1937 que “Hayek first makes the claim that the coordination problem is the central problem, not for economics, but for all social science” (Caldwell, 1988, p. 514).

No artigo de 1937, Hayek estabelece de forma mais consciente a sua base epistemológica, conduzindo-o para a necessidade lógica do problema do conhecimento, movimento este que deslocará sua atenção para assuntos mais amplos de natureza filosófica e interdisciplinar. Com o problema da coordenação posto, tornar-se-á necessário estudar como (e se) cada conjunto institucional é capaz de coordenar os planos e o conhecimento dos indivíduos; o foco passa a ser diferentes processos de ajustamento de planos via diferentes estruturas institucionais. A pergunta é: qual é o *framework* institucional que melhor cria, transmite e mantém o conhecimento relevante para a coordenação de planos e tendência ao equilíbrio? O foco é o processo de tendência ao equilíbrio, e não ao estado final de equilíbrio *per se*. Para tal investigação, é preciso desenvolver uma abordagem muito mais ampla e interdisciplinar, levando em conta o referencial institucional de cada sistema de coordenação e os erros metodológicos pelos quais os seus oponentes no debate do cálculo não conseguiram ver além das proposições formais de maximização, Hayek se lança para um escopo de pesquisa extremamente amplo (ver Boettke, 2002, p. 344-5; Boettke *et al.*, 2010, p. 73).

Este texto se mostrou um marco no desenvolvimento da agenda de pesquisa do austríaco, já que nele surge, ou ao menos fica explícito, o problema fundamental com que a Economia, na perspectiva hayekiana, deve lidar, qual seja, o problema do conhecimento. Em 1937, o problema do conhecimento surge quando, ao evidenciarmos a transposição ilegítima da lógica de equilíbrio individual (*pure logic of choice*) para o equilíbrio societal, notamos que uma barreira para o equilíbrio é a coordenação das expectativas subjetivas da realidade (plano de ações) de um agente com as expectativas subjetivas (plano de ações) dos outros agentes e do mundo externo objetivo. Para que se postule uma tendência ao equilíbrio, é preciso que um dado agente

conheça as expectativas subjetivas dos demais indivíduos e da realidade objetiva. Para isso é necessário um mecanismo de aquisição, comunicação e estocagem de conhecimento para compatibilizar os planos subjetivos inter-individuais entre si e com o conhecimento objetivo do mundo real. A teoria neoclássica resolve o problema derivado da transposição assumindo conhecimento perfeito dado igualmente a todos, escondendo o problema epistêmico que a economia e as ciências sociais deveriam explicar, o problema que introduziria a natureza empírica na teoria econômica capaz de nos dizer algo (tendência ou não ao equilíbrio) sobre o mundo real, ou seja, as condições e o processo pelo qual os indivíduos adquirem conhecimento e coordenam seus planos de ação.

A condição de possibilidade do problema da coordenação é o postulado epistêmico de conhecimento falho. Este entende o conhecimento como um estado temporário de coisas e crenças que pode ou não ser validado pela realidade objetiva do mundo externo. Tais crenças subjetivas são sujeitas a uma interminável verificação com as outras crenças e com a realidade em um dado tempo. O próprio processo de verificação se caracteriza como um aprendizado revisor de planos, como um fluxo de mudança incessante de expectativas que falharam e precisam ser modificadas, “as all those other people will change their decisions as they gain experience about the external facts and other people's action, there is no reason why these processes of successive changes should ever come to an end” (Hayek, 1937, p. 49).

O erro é a certeza, o conhecimento irá de alguma forma falhar e terá de ser revisto, modificado ou abandonado. A questão é como introduzir um desenvolvimento de correção de erros via mecanismo institucional de aprendizado em que descoberta, uso e comunicação do conhecimento disperso e tácito possa ser usado da melhor forma possível a fim de coordenar as ações dos diferentes indivíduos. Como o conhecimento é disperso, e cada pessoa possui apenas uma fração de conhecimento subjetivo de tempo e lugar, conhecimento muitas vezes tácito “of the kind which by its nature cannot enter into statistics” (Hayek, 1945, p. 83), o problema do conhecimento é uma imposição inexorável. Ou seja, “[t]he epistemological problem is a permanent problem” (Boettke *et al.*, 2010, p. 83).

De acordo com Hayek (1945, p. 89), a falha da profissão em não perceber tal problema é “clearly to be due to purely intellectual, and more particularly methodological, differences.” Hayek menciona que o caso de um teórico do porte de Schumpeter ter caído na armadilha da ambiguidade e confusão do termo “datum” revela não apenas um simples erro. Sugere, pelo contrário, uma profunda disrupção metodológica na abordagem corrente: “there is something fundamentally wrong with an approach which habitually disregards an essential part of the phenomena with which we have to deal: the unavoidable imperfection of man's knowledge and the consequent need for a process by which knowledge is constantly communicated and acquired” (Hayek, 1945, p. 91).

Se a profissão em geral foi sistematicamente entorpecida e conduzida a conclusões equivocadas pelo uso indiscriminado de um instrumento como sendo o seu próprio fim, qual seja, o construto de equilíbrio como estado final de repouso, o que levou a tal grau de desconexão entre a teoria econômica e seus praticantes em relação ao verdadeiro problema a ser respondido? Onde a teoria econômica e a profissão erraram? A resposta, para Hayek, é metodológica. A visão metodológica tradicional empregada impedia qualquer tipo de apreciação pela condição intrínseca de ignorância do conhecimento humano, excluía de seu escopo de percepção o fato de que o conhecimento é disperso, subjetivo e tácito - fatalmente se fazendo míope para o problema da coordenação.

No seio de uma tradição muito mais ampla em história das ideias, a atração da *intelligentsia* - de todos os espectros ideológicos - pela ideia de planejamento central era inequívoca. Hayek, com o diagnóstico de falha metodológica que não só recai sobre o *mainstream* da profissão em particular, mas sobre uma genealogia em história das ideias, se lança para a investigação do declínio e abuso da razão - o *Abuse of Reason Project* (ver, e.g., Caldwell, 1997, p. 1866-73; Caldwell, 2004a, cap. 11; Hayek, 1983, p. 132-3, 227-9, 276-80, 421-3; 1944, p. 1-31; 2010, 1-45).

Como mostra Caldwell (2004a, cap. 11), Hayek nunca concretizou a sua concepção original do *Abuse of Reason Project*, um grande esforço de reconstrução em história das ideias e metodologia.<sup>1</sup> A estrutura inicial do projeto é explicada por Caldwell (2004a, p. 240-241): ele seria dividido em quatro partes, primeiramente um estudo das teorias individualistas do século XVIII - o que em seus resultados preliminares acabou se tornando “Individualism: True and False” (1946); seguido da investigação das fontes intelectuais de hostilidade a tal individualismo e de como essa hostilidade se desenvolveu historicamente em países como França, Alemanha e Estados Unidos - respectivamente, o que se tornou “Scientism and the Study of Society” (1942-44) e “The Counter-Revolution of Science” (1941), além de “Comte and Hegel” (1951). Finalmente, a quarta e última parte seria uma discussão sobre a queda da razão sob os regimes totalitários. Desta se originou o seu livro mais popular, “The Road of Serfdom” (1944) (Hayek, [1952] 1979, p. 10-1; Caldwell, 2004a, cap. 11).

O presente artigo pretende expor uma narrativa de como a questão da complexidade em Hayek emerge de suas preocupações metodológicas, e, de modo mais específico, de seus textos que comporiam as três primeiras partes do *Abuse of Reason Project*.<sup>2</sup> Com isso, argumenta-se que a questão da complexidade surge paulatinamente de forma orgânica e integrada ao programa de pesquisa hayekiano na década de 1940.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: após esta introdução, a seção seguinte estuda a primeira parte do *Abuse of Reason Project*, o artigo “Individualism: True and False” (Hayek, 1946). A seção seguinte avalia a segunda e terceira parte, publicadas no livro “The Counter-Revolution of Science” (Hayek, [1952] 1979). Por fim, as considerações finais concluem o artigo.

## 2. Razão e individualismo

No que seria a primeira parte de seu grande projeto, Hayek (1946) tenta traçar duas tradições intelectuais distintas mas comumente rotuladas como “individualistas.”<sup>3</sup> Hayek clama ser herdeiro do que ele chama de “true individualism” diretamente ligado ao iluminismo escocês em contraposição a um “false individualism” fruto do iluminismo francês e continental, contaminado com a concepção da razão como criadora da ordem social subjugada somente ao ato de vontade deliberada em sua construção. Hayek usa o termo “individualismo” como sendo simplesmente o de oposição ao termo “socialismo”; é por essa razão que se denomina de “false individualism” a tradição que apesar de aparentemente se associar a uma oposição ao socialismo acaba, via abuso do papel da razão como edificadora de qualquer tipo de ordem, “as a source of modern socialism as important as the properly collectivist theories” (p. 4).

Segundo Hayek, a tradição do “true individualism” tem sua origem em John Locke, sendo posteriormente desenvolvido por Bernard Mandeville e David Hume, atingindo sua estatura em Josiah

---

<sup>1</sup> De acordo com Caldwell (2004a, cap. 11), o *Abuse of Reason Project* não chegou a ser concluído em sua forma pretendida inicialmente. Hayek o teria modificado, transformando-o em duas “research ventures” (Caldwell, 2004a, p. 256) diferentes mas interligadas. A primeira dessas duas vertentes começou com “The Road to Serfdom” e teria caminhado para “The Constitution of Liberty” e a trilogia “Law, Legislation, and Liberty”. Já a segunda seria caracterizada pelo livro de psicologia de Hayek, “The Sensory Order”, “and a series of later essays, many of which were published in collections of Hayek’s work” (Caldwell, 2004a, p. 256).

<sup>2</sup> Neste sentido, pretende-se complementar esforços como o de Vaughn (1999b), que, apesar de mencionar os textos do livro *The Counter-Revolution of Science*, concentra-se nos trabalhos de Hayek publicados durante e especialmente após a década de 1950, e de Oliva (2016, cap. 2), que apresenta como Hayek chega à abordagem da complexidade de forma implícita em seus textos sobre conhecimento e competição das décadas de 1930 a 1950, e de forma explícita após isso. A diferença está em que o presente artigo se propõe a estudar a primeira parte desta narrativa a partir de textos explicitamente associados por Caldwell (2004a, cap. 11) ao *Abuse of Reason Project* na década de 1940. Note-se que aqui a opção está em apresentar os textos na ordem pretendida no *Abuse of Reason Project*, e não na ordem em que foram publicados.

<sup>3</sup> Nolan (2013) explica o contexto da *Finlay Memorial Lecture* proferida por Hayek em 1945, que seria posteriormente convertida no artigo de 1946.

Tucker, Adam Ferguson, Adam Smith e Edmund Burke no século XVIII. No século XIX, os grandes nomes dessa tradição seriam representados por Lord Acton e Alexis de Tocqueville, os quais “have more successfully developed what was best in the political philosophy of the Scottish philosophers, Burke, and the English Whigs than any other writers” (p. 4). Já a tradição do “false individualism” remete principalmente a autores embebidos do racionalismo cartesiano, como os enciclopedistas, os fisiocratas e Rousseau. A diferença entre as tradições do falso e do verdadeiro individualismo transcende a história das ideias e do pensamento social.

O que define, então, a essência do verdadeiro individualismo? Em primeiro lugar, é uma teoria da sociedade, uma tentativa de compreensão das forças sociais que regem nosso redor. Em segundo lugar apenas se tenta derivar “a set of political maxims,” ou seja, quaisquer conclusões de caráter normativo. O individualismo, diz Hayek, não postula a existência de indivíduos isolados, atomizados ou amorfos de seu contexto e sociedade, apenas entende que não há outra forma de se compreender o fenômeno social sem entender as ações dos indivíduos direcionadas a outros indivíduos de maneira a atingir seus próprios fins, ações estas guiadas pelas expectativas subjetivas de comportamento esperado dos outros indivíduos e da realidade externa. Disso segue uma das principais diferenças entre ambas as tradições: analisando as consequências das ações individuais, chegamos a noção que muitas e as mais importantes instituições no qual a civilização ocidental se baseia, emergiram, se desenvolvem e atuam sem serem resultado de nenhum plano, design ou propósito de uma única mente.

As instituições que formam essa base civilizatória são na verdade resultado de um processo de interação e colaboração espontânea de vários agentes que desaguam em criações que nem mesmo são passíveis de consciência pelos mesmos - como Hayek expõe, citando a célebre frase de Ferguson, são “the result of human action but not the result of human design.” Essa, Hayek acredita, é a grande descoberta do iluminismo escocês e da economia clássica, “which has become the basis of our understanding not only of economic life but of most truly social phenomena” (Hayek, 1946, p. 8).

Entretanto, essa diferença de concepção de que a maioria (ou pelo menos uma parte importante) das ordens que nos deparamos é fruto de um processo das ações individuais, mas não-intencional e consciente de seu resultado e de que as ordens na realidade só podem ser compreendidas pelos traços de decisões e *designs* intencionais, é somente uma consequência da diferença fundamental maior de escala e escopo

[B]etween a view which in general rates rather low the place which reason plays in human affairs, which contends that man has achieved what he has in spite of the fact that he is only partly guided by reason, and that his individual reason is very limited and imperfect, and a view which assumes that Reason, with a capital R, is always fully and equally available to all humans and that everything which man achieves is the direct result of, and therefore subject to, the control of individual reason. One might even say that the former is a product of an acute consciousness of the limitations of the individual mind which induces an attitude of humility toward the impersonal and anonymous social processes by which individuals help to create things greater than they know, while the latter is the product of an exaggerated belief in the powers of individual reason and of a consequent contempt for anything which has not been consciously designed by it or is not fully intelligible to it. (Hayek, 1946, p. 8)

A diferença precípua está no papel da razão e do conhecimento dos indivíduos, de um lado temos uma concepção de conhecimento objetivo perfeito e uma capacidade racional sobre-humana disponível (ou dado) a cada agente, um mundo fictício no qual qualquer ordem não construída racionalmente é inteligível e inconcebível. De outro, é colocado como postura epistemológica a falibilidade do conhecimento. É enfatizada, assim, a limitação do conhecimento individual, este confinado ao cerne espaço-temporal das condições particulares de cada indivíduo. Os agentes não se dão conta da própria articulação geral do conhecimento relevante feito pelas resultantes das suas ações em função do ambiente institucional, gerando processos antes inimagináveis. A única consciência é sobre a própria limitação e falibilidade do

conhecimento, levando a uma postura de humildade quanto ao próprio processo institucional de coordenação impessoal em que emerge a ordem social.

É explícito aqui o mesmo problema de natureza metodológica enfrentado por Hayek quanto ao uso do conceito de equilíbrio. Fica claro que a confusão sobre o termo “dados,” o conceito de equilíbrio e as conclusões derivadas dessa má apreciação advêm da mentalidade característica do “false individualism,” pressupostos metodológicos tais que ajudaram na argumentação filosófica e meta-teórica pró-planejamento no debate do cálculo econômico. Para Hayek, um dos motivos pelo qual os economistas e a profissão se perderam cabe ao aumento da influência do racionalismo cartesiano e do iluminismo continental, que começou a partir dos economistas clássicos do século XIX - particularmente em pensadores como John Stuart Mill e Herbert Spencer, que carregam ambas influências do falso e do verdadeiro individualismo, confundindo os próprios significados de cada um. O verdadeiro individualismo, argumenta Hayek (1946, p. 8-9), provêm de um método “which regards man not as a highly rational and intelligent but as a very irrational and fallible being, whose individual errors are corrected only in the course of a social process, and which aims at making the best of a very imperfect material.”

Hayek menciona a diferença abissal entre esses tipos ideais de individualismo como resultando em dois pontos decisivos. O primeiro é que apenas o verdadeiro individualismo é capaz de internalizar em seu arcabouço teórico a apreciação e inteligibilidade do processo de interação espontânea que resulta na ordem social e seus produtos. O segundo é que somente o verdadeiro individualismo é capaz de fundamentar em bases sólidas a crença de que indivíduos livres inseridos em um framework institucional apropriado serão capazes de alcançar processos e resultados sociais muito mais efetivos do que qualquer ordem planejada sem que os mesmos sejam capaz de antecipar ou prever os resultados de suas ações. O falso individualismo é apático a tal apreço pois implica em sua *raison d'être* que os processos sociais e seus resultados são condicionados pela subordinação a razão e *design* humano. A confluência entre a ordem social e os fins desejados da sociedade só seria possível sendo a primeira moldável pelo controle da capacidade racional individual. Para Hayek isso é impossível, a Razão humana, com “R” maiúsculo, não existe em uma forma concentrada, acessível ou dado a qualquer pessoa, o processo de racionalidade, com “r” minúsculo, é concebido no próprio mecanismo progressivo de aprendizado e correção de erros que se dá a livre interação inter-individual.

O verdadeiro individualismo não assume harmonia e convergência de interesses como hipótese *a priori*, uma compatibilidade passiva *in vacuo* - mas ressalta a importância da estrutura bio-institucional no qual os indivíduos estão inseridos para a coordenação e harmonia de interesses difusos. O problema é permitir o funcionamento de um ambiente institucional adequado que guie os homens pela sua própria vontade e ação a beneficiar as demandas e desejos de seus pares pelo processo impessoal e não-planejado de coordenação, onde o homem em sociedade é capaz de promover fins alheios que não são parte de suas intenções. Dado os limites do conhecimento e da razão, “the constitutional limitation of man's knowledge and interests,” o problema é identificar e estabelecer os melhores meios institucionais de criação, transmissão e estocagem de conhecimento relevante para a complexa tarefa de coordenação social.

The chief concern of the great individualist writers was indeed to find a set of institutions by which man could be induced, by his own choice and from the motives which determined his ordinary conduct, to contribute as much as possible to the need of all others; and their discovery was that the system of private property did provide such inducements to a much greater extent than had yet been understood. They did not contend, however, that this system was incapable of further improvement and, still less, as another of the current distortions of their arguments will have it, that there existed a "natural harmony of interests" irrespective of the positive institutions. (Hayek, 1946, p. 12-3)

Como prescrição normativa ou “main practical conclusion”, o verdadeiro individualismo extrai do estado de ignorância do conhecimento humano, capaz de dar conta apenas de uma infinitesimal parte do

conhecimento da sociedade, a humildade necessária para fazer o caso da estrita limitação a qualquer poder coercitivo, legítimo apenas para áreas essencialmente delimitadas. De fato, “the fundamental attitude of true individualism is one of humility toward the processes by which mankind has achieved things which have not been designed or understood by any individual and are indeed greater than individual minds” (Hayek, 1946, p. 32).

### 3. Cientificismo e abuso da razão

Em “Scientism and the Study of Society” (1942-44), é abordado a aplicação indiscriminada e ilegítima dos métodos de estudo oriundos das ciências naturais para as ciências sociais, o que Hayek chama cientificismo

[A]n attitude which is decidedly unscientific in the true sense of the word, since it involves a mechanical and uncritical application of habits of thought to fields different from those in which they have been formed. The scientific as distinguished from the scientific view is not an unprejudiced but a very prejudiced approach which, before it has considered its subject, claims to know what is the most appropriate way of investigating it (Hayek, 1942-44, p. 24).

Ao longo do século XVIII e começo do século XIX, o estudo dos fenômenos sociais era confinado a métodos de investigação que levavam em consideração a natureza e as particularidades do seu objeto de estudo. Com a ascensão e avanço científico das disciplinas físicas e biológicas, entretanto, o próprio significado do termo “ciência” passou a carregar uma alusão a previsibilidade e mensuração vinda dessas ciências. O sucesso estrondoso desses ramos do conhecimento das ciências naturais causaram uma espécie de ressentimento em disciplinas das ciências sociais, que passaram a “slavish imitation of the method and language of Science” (especialmente a física) em busca de uma legitimação própria como status de ciência (ibid., p. 24). Pior, a “tirania” que inundou as ciências sociais nos métodos e não em espírito (de acordo com cada objeto de estudo) das ciências naturais veio de intenções de cientistas naturais que preconizavam a adoção dos métodos que os mesmos praticavam *de jure* mas não necessariamente *de facto*.<sup>4</sup>

Para Hayek, a “Ciência” em seu sentido moderno, com “C” maiúsculo, nasce em oposição a três principais movimentos: i) a influência escolástica medieval de estudar os grandes autores do passado e suas ideias, postura essa muito menos causada por extrema convicção do que por falta de meios alternativos; ii) o idealismo, a crença de que as ideias são de alguma maneira transcendentais e de que o seu mundo precede o mundo material; e, mais importante, iii) o antropomorfismo, a interpretação das relações causais da realidade exterior como sendo gerada por um *design* inteligente análogo ao homem, e a busca dessas intencionalidades como prova da existência desse mesmo *design*. Assim, a reação “of modern Science has been to get down to ‘objective facts’, to cease studying what men thought about nature or regarding the given concepts as true images of the real world, and, above all, to discard all theories which pretended to explain phenomena by imputing to them a directing mind like our own” (ibid., p. 29).

A principal consequência desse processo se dá pela reclassificação por parte das ciências naturais das percepções sensoriais dos homens, uma reclassificação das percepções subjetivas primeiras pelo agrupamento e conexões conscientemente criadas em diferentes classes e qualidades de eventos exteriores, o mundo externo agora seria classificado de acordo com outras diferentes propriedades além de nossa pré-classificação inata. Há o desenvolvimento de modelos mentais abstratos que não eram passíveis de compreensão ou entendimento anterior a partir da mera experiência sensitiva da realidade, mas esse “novo

---

<sup>4</sup> A diferença entre o que os “homens da ciência” recomendam *de jure* e o que praticavam *de facto* não consta no texto original da primeira parte de “Scientism and the Study of Society” (1942), mas foi adicionado na compilação em formato de livro na edição de 1952 devido a crítica de Popper ([1936] 2005) em “The Poverty of Historicism” - admitido depois por Hayek (1967, p. vii; ver também 2010, editor’s introduction, p. 36-7).

mundo” serve na verdade para a interpretação das nossas percepções sensoriais. O processo de reclassificação é, de fato, “the most characteristic aspect of the procedure of the natural sciences. The whole history of modern Science proves to be a process of progressive emancipation from our innate classification of the external stimuli till in the end they completely disappear” (Hayek, 1942-44, p. 33).

Duas questões seguem. A primeira é para que os fatos externos tenham alguma coerência no seu comportamento eles devem ser interpretados de formas diferentes por cada indivíduo a partir da posição particular que os fatos se apresentam para os mesmos. A questão que surge é como diferentes percepções sensoriais que se revelam em diferentes formas de tempo e lugar se percebem as mesmas para diferentes pessoas.

A segunda questão é que se os homens percebem coisas semelhantes a partir de experiências sensoriais diferentes que correspondem a também realidades externas sem nenhuma correspondência ou relação física, tal fato deve ser condicionado como uma importante informação e como ponto de partida em discussões posteriores. Desta constatação, as diferenças dos fatos das ciências naturais e sociais se mostram mais claros, as Ciências não têm como dados o conhecimento subjetivo das percepções sensoriais dos indivíduos, a sua preocupação não é o que os indivíduos acham ou pensam sobre a realidade externa e conseqüentemente como eles se comportam com base nessa percepção, mas o que eles deveriam pensar levando em conta as propriedades e relações “naturais” do mundo externo. A tarefa das Ciências não diz respeito ao que os indivíduos acham que é a realidade, pelo contrário, a sua tarefa é constantemente modificar as percepções subjetivas individuais de modo a substituir nosso conhecimento sensitivo inicial por modelos mentais que organizam e relacionam novos elementos, gerando novas classificações de categorias e eventos. Todavia, Hayek (1942-44, p. 39) indaga, “what are the consequences of the fact that people perceive the world and each other through sensations and concepts which are organised in a mental structure common to all of them?” Esse é o escopo das ciências sociais. Como que pelas ações individuais, determinadas pelas percepções sensoriais subjetivas, o homem constrói um mundo próprio a parte das relações puramente “inatas” da natureza.

As ciências sociais têm objeto e método particular próprio, o homem e suas relações. As ciências sociais não lidam com propriedades físicas entre coisas, matéria ou objetos, mas sim com a relação entre o homem e as coisas, ou com a relação entre o homem e outro homem - tais relações são edificadas pela ação humana. O objetivo das ciências sociais é explicar as conseqüências não intencionais ou não planejadas das ações de um conjunto de indivíduos. As ações do homem são aqui entendidas como ações conscientes ou refletidas, uma ação dentre um leque de possibilidades de ações, não reações inconscientes a estímulos físicos. As ações tomadas são baseadas de acordo com o set de classificações da percepção sensorial de cada indivíduo, as percepções são o set de opiniões de cada indivíduo, opiniões do que o indivíduo pensa ou imagina que é o mundo externo.

Nós tomamos como dado que o padrão classificatório de fenômenos externos seja compatível entre os diferentes indivíduos com diferentes percepções subjetivas, sem isso não teríamos como compreender as ações dos outros ou até mesmo chegar a consensos básicos comuns do que é a “realidade.” Mas temos essa convergência de percepções fruto da mesma estrutura mental comum de classificação presente em todos nós, assim pois temos um mecanismo de compatibilização de percepções das mais diversas. Ou seja, os fins das ações humanas não são de mesma natureza objetiva, nem podem ser definidos de acordo com os seus atributos físicos. “So far as human actions are concerned the things *are* what the acting people think they are” (ibid., p. 44).

Isso é facilmente visualizado quando pensamos em qualquer instrumento para um fim. Hayek dá o exemplo de um martelo; um martelo não é definido como um martelo pelas propriedades físicas intrínsecas a um determinado tipo de ferro ou ao cabo de madeira, mas sim pelo seu propósito como um meio para um fim fruto da ação humana. Toda e qualquer “propriedade” de meios e coisas para a ação humana deve ser



entendido como categorias mentais do indivíduo perante o meio ou coisa, se o agente da ação não percebe certo objeto de y propriedades físicas com um modelo mental z, não importa quais sejam as propriedades físicas do objeto (x, y, z, w...), o agente não irá internalizar mentalmente o uso potencial daquele objeto como meio para determinada ação.<sup>5</sup>

Podemos colocar a diferença das ciências naturais e sociais identificando que o objeto de estudo da primeira é objetivo, enquanto da segunda é subjetivo. Os fatos das ciências sociais são as opiniões ou crenças subjetivas dos indivíduos, mas essas opiniões são dados objetivos para o observador, o cientista social. Ou seja, em certo sentido o objeto das ciências sociais também é objetivo na medida que são opiniões que embasam as ações dadas ao cientista social, independentemente das opiniões subjetivas do próprio observador. Os fatos das ciências sociais diferem dos fatos das ciências naturais por seu caráter subjetivo, e sendo assim não podem ser diretamente observáveis na mente dos indivíduos - são fatos mentais que residem em nossa estrutura mental de classificação, são parte constituinte do mundo interno ou da realidade subjetiva. *Au contraire*, os fatos naturais são fatos materiais, que ultimamente são parte constituinte do mundo externo ou da realidade objetiva. Apenas temos consciência que os fatos mentais existem pois compartilhamos uma estrutura classificatória comum que nos permite reconhecer por assimilação as ações de terceiros, ainda assim as percepções serão em algum grau conflitantes e contraditórias - já que subjetivas e particulares.

Para Hayek (1942-44, p. 49-50), o conhecimento subjetivo, disperso e falível está presente na própria estrutura medular dos fatos das ciências sociais.<sup>6</sup>

[T]he concrete knowledge which guides the action of any group of people never exists as a consistent and coherent body. It only exists in the dispersed, incomplete, and inconsistent form in which it appears in many individual minds, and the dispersion and imperfection of all knowledge are two of the basic facts from which the social sciences have to start. What philosophers and logicians often contemptuously dismiss as a 'mere' imperfection of the human mind becomes in the social sciences a basic fact of crucial importance.

Hayek chama atenção para outra complicação singular das ciências sociais e seu método, o contraste entre as ideias dos indivíduos que motivam ações e *causam* os fenômenos sociais e as ideias das pessoas sobre o que elas pensam sobre os fenômenos sociais, ou o que os *explicam*. Isto é, “those ideas which are *constitutive* of the phenomena we want to explain and the ideas which either we ourselves or the very people whose actions we have to explain may have formed *about* these phenomena and which are not the cause of, but theories about, the social structures” (ibid., p. 63). Hayek chama o primeiro tipo de opiniões de motivacionais ou constitutivas, e o segundo tipo de opiniões especulativas ou explicativas.

Enquanto nas ciências sociais tentamos reproduzir o fenômeno social complexo a partir das ações individuais baseadas nas opiniões motivacionais, fenômeno este baseado em princípios muitas vezes não passíveis de observação direta, nas ciências naturais se parte do fenômeno natural complexo como dado da realidade e se tenta remeter o macro-fenômeno ao seus elementos individuais compositivos, ao contrário da constituição de elementos individuais no macro-fenômeno social. Nas ciências sociais temos como dado

---

<sup>5</sup> “Take such things as tools, food, medicine, weapons, words, sentences, communications”, Hayek (1943, p. 59) exemplifica, “it is easily seen that all these concepts (and the same is true of more concrete instances) refer not to some objective properties possessed by the things, or which the observer can find out about them, but to views which some other person holds about the things. These objects cannot even be defined in physical terms, because there is no single physical property which any one member of a class must possess. These concepts are not just abstractions of the kind we use in all physical sciences, but they abstract from all the physical properties of the things themselves.”

<sup>6</sup> É usando como parâmetro o caráter essencialmente subjetivo da teoria econômica que Hayek aponta a economia como a mais bem sucedida ciência social, e que “it is probably no exaggeration to say that every important advance in economic theory during the last hundred years was a further step in the consistent application of subjectivism” (1942-44, p. 52, nota de rodapé 7; ver também p. 54).

empírico apenas as ações dos indivíduos pela assimilação de estruturas mentais, o fenômeno social complexo não é observável como um todo; nas ciências naturais o dado empírico se torna o próprio fenômeno natural complexo, o cientista natural não tem acesso direto aos elementos compositivos do macro-fenômeno.<sup>7</sup> Logo, o método apropriado para as ciências naturais é mais bem descrito como um método analítico decompositivo da estrutura complexa observável, de maneira que o método apropriado para as ciências sociais é definido como um método compositivo ou sintético da ordem complexa a partir das ações individuais observáveis e inteligíveis - pois somos homens e temos a mesma estrutura mental de classificação.<sup>8</sup>

A tarefa do cientista social não é explicar as crenças, opiniões ou as ações dos indivíduos, se escopo há para tal, é de natureza diferente, e este é feito pela psicologia. Para o estudante da sociedade, as crenças e ações são, por outro lado, dados do problema a ser respondido, como as diferentes ações intencionais humanas produzem resultados não planejados e conscientes pelos seus próprios atores. E mais, se não houvesse regularidades no macro-cosmo fruto da ação humana mas não do design humano, Hayek alega que não haveria tarefa para as ciências sociais, apenas para a explicação da própria formação de crenças, ou seja, para a psicologia. O papel do cientista social é explicar como as instituições complexas que permeiam a civilização são formadas pelo resultado de múltiplas ações individuais sem nenhum propósito maior, processo no qual “[w]e ‘understand’ the way in which the result we observe can be produced, although we may never be in a position to watch the whole process or to predict its precise course and result” (ibid., p. 71).

Como não temos acesso ao processo complexo formativo de instituições mas apenas a ação humana, podemos apenas explicar em princípio o primeiro a partir do segundo, não temos o conhecimento necessário de todas as propriedades que podem influenciar o resultado para realizar previsões específicas de como a ordem espontânea irá desencadear. A explicação de princípio poderá proibir certos resultados de acontecer, dado a formação explicativa dos elementos conhecidos pelo observador, mas ainda assim será um conhecimento negativo, a previsão específica nos fenômenos sociais complexos simplesmente é impossível devido a ignorância do cientista social em razão de todas as variáveis que podem ser explicativas da ordem emergente - o método compositivo se preocupa em explicações de possibilidade de existência.

The inevitable imperfection of the human mind becomes here not only a basic datum about the object of explanation but, since it applies no less to the observer, also a limitation on what he can hope to accomplish in his attempt to explain the observed facts. The number of separate variables which in any particular social phenomenon will determine the result of a given change will as a rule be far too large for any human mind to master and manipulate them effectively. In consequence our knowledge of the principle by which these phenomena are produced will rarely if ever enable us to predict the precise result of any concrete situation. (Hayek, 1942-44, p. 73-4)

Além disso, a própria tentativa de explicar o processo classificatório mental é sujeito a uma barreira intransponível. Em vista que a nossa própria mente é um aparato classificatório, para explicá-la é necessário um aparato classificatório de maior grau de complexidade, ou seja, um sistema de classificação não pode logicamente explicar em completo o seu próprio funcionamento, i.e., as classificações de sensações subjetivas dos fatos externos. Hayek conclui, *prima facie*, “that any apparatus of classification would always have to possess a degree of complexity greater than any one of the different things which it classifies; and if this is correct it would follow that it is impossible that our brain should ever be able to produce a complete

---

<sup>7</sup> Hayek já esboça essa ideia de divisão do elemento empírico das ciências naturais e das ciências sociais em seu texto de abertura de *Collectivist Economic Planning* (1935, p. 126-7).

<sup>8</sup> O termo “compositivo” é emprestado por Hayek “from a manuscript note of Carl Menger, who, in his personal annotated copy of Schmoller’s review of his *Methoden der Socialwissenschaften*... wrote it above the word ‘deductive’ used by Schmoller. (...) This is useful and links up with the point that, since the elements are directly known to us in the social sciences, we can start here with the compositive procedure” (1942-44, p. 67, nota de rodapé 4).

explanation (as distinguished from a mere explanation of the principle) of the particular ways in which it itself classifies external stimuli” (ibid., p. 86).

Em outras palavras, há uma limitação intrínseca a complexidade do aparelho classificatório mental em relação a si mesmo e a qualquer fenômeno complexo - simplesmente não temos como formular uma explicação completa de fenômenos complexos em razão da própria limitação do nosso instrumento de classificação e entendimento do fenômeno, a nossa estrutura cerebral. A complexidade do fenômeno em relação ao seu arcabouço classificatório também limita, naturalmente, a possibilidade de previsão do mesmo, favorecendo somente a limitada previsão de padrão vinda da explicação de princípio do fenômeno.<sup>9</sup>

Após listar qual é os fatos e o objetivo das ciências sociais, Hayek aborda três grandes correntes do cientificismo, ou seja, três movimentos intelectuais que ignoram o objeto e método particular das ciências sociais e tentam transplantar métodos das ciências naturais para ramos do conhecimento fora de onde tais métodos foram concebidos - sejam eles, o objetivismo, o coletivismo e o historicismo. Não entraremos em detalhes, apenas vamos rapidamente sumarizar em poucas palavras o argumento de Hayek contra essas três correntes.

O objetivismo tem por fundamento negar todo e qualquer conhecimento subjetivo nas interações sociais, agarrando-se nas propriedades físicas e objetivas dos elementos, um dos seus preconizadores modernos é a vertente “fiscalista” de Otto Neurath. Mas, como vimos, para Hayek isso não é possível pois a nossa própria percepção do mundo externo é intermediada por um mecanismo de classificações que não necessariamente agrupam ou relacionam sensações de acordo com suas propriedades físicas, além disso, cada indivíduo de acordo com o seu set classificatório interpreta e tem sensações subjetivas diferentes para mesmos estímulos objetivos. Já os coletivistas caem no cientificismo ao entenderem como dado empírico um construto imaginário de coletivo feito por hipótese. Coletivistas buscam regularidades empíricas nos fenômenos complexos dos coletivos definidos por hipótese *per se* para depois tentarem deduzir seus elementos pela via analítica, ou seja, uma imitação do método decompositivo das ciências naturais.

Em relação ao historicismo, Hayek contrasta a visão histórica antiga que negava a possibilidade de uma ciência teórica da história, com a visão histórica cientificista, que preconiza justamente a história como a única possibilidade de se transformar em uma ciência teórica dos fenômenos sociais. Hayek nos lembra que todo e qualquer tipo de pensamento ou classificação mental envolve certo grau de abstração, a nossa própria estrutura mental é um mecanismo classificatório abstrato de sensações, logo, seria impossível uma ciência teórica da história pois a própria seleção do objeto de estudo já envolve processos classificatórios abstratos. Há na abordagem historicista cientificista “the darling vice” de meta-narrativas de leis gerais históricas, leis análogas as leis naturais extraídas da história, que simplesmente excluem qualquer possibilidade de falibilidade e de ação humana, os exemplos mais marcantes dessa postura para Hayek são de Saint-Simon, Comte, Hegel e Marx.

#### 4. Conclusão

O artigo procurou mostrar elementos nos textos de Hayek da década de 1940, associados por Caldwell às três primeiras partes do *Abuse of Reason Project*, que apontam como o austríaco acabaria, a partir de sua crítica metodológica, por desaguar na abordagem da complexidade. Como transpareceu ao longo do texto, a partir do reconhecimento explícito do problema do conhecimento, o desenvolvimento do referido projeto fez

---

<sup>9</sup> Hayek aprofunda essas noções em seu tratado de psicologia teórica-filosófica, “The Sensory Order” (1952). Deve-se ressaltar que “The Sensory Order” é uma influência importante para visão metodológica de Hayek, desenvolvendo alguns aspectos de “Scientism” - mas o estudo desta obra foge do escopo do presente artigo. Há uma crescente importância dada na literatura secundária sobre a teoria psicológica de Hayek, especialmente em sua visão metodológica e do processo evolutivo de coordenação, tendo surgido até os auto-denominados “neuro-hayekianos” - sobre “The Sensory Order” ver, e.g., Horwitz (2000), Butts and Koppl (1993, 2006), Birner (1999), Di Iorio (2010) e Caldwell (1994; 2004a, cap 12; 2004b).

com que Hayek fizesse a crítica do uso indevido da razão e a crença exagerada em suas potencialidades por uma tradição intelectual, e, vinculado a isso, a importação indevida de métodos de outras ciências a áreas para as quais eles se mostravam inadequados.

Hayek atingirá a plena maturidade de sua posição metodológica em “Degrees of Explanation” (1955) e “The Theory of Complex Phenomena” (1964). Em ambos os ensaios, Hayek aceita *prima facie* o falsificacionismo popperiano mas expõe a precariedade e os limites do poder científico de explicação, previsão e de falsificação em teorias de fenômenos complexos. Como argumenta Oliva (2016), Hayek passará, a partir da metade da década de 1950, a lidar explicitamente com a questão da complexidade, tratando a economia de forma conectada a outros campos do conhecimento que estudam fenômenos complexos.

Hayek argumentará que o que os fenômenos complexos nos ensinam é a importância em última instância da ignorância humana sobre o mundo - o seu apelo é que

[W]e take our ignorance more seriously. As Popper and others have pointed out, 'the more we learn about the world, and the deeper our learning, the more conscious, specific, and articulate will be our knowledge of what we do not know, our knowledge of our ignorance'. We have indeed in many fields learnt enough to know that we cannot know all that we would have to know for a full explanation of the phenomena. (Hayek, 1964, p. 39-40)

Como o título de sua *Nobel lecture* indica, “The Pretence of Knowledge” (1974), Hayek estará preocupado em suplantar a onda cientificista e deixar visível o quão em base frágil está fundado muito do pretense conhecimento que achamos ser válido e controlável, mas que pode acabar acarretando consequências sociais nefastas como a sustentação intelectual de regimes totalitários - como Hayek pretendia mostrar na terceira parte do *Abuse of Reason Project*.

## Referências Bibliográficas

- Birner, Jack (1999) “The Surprising Place of Cognitive Psychology in the Work of F.A. Hayek”, *History of Economic Ideas*, 7(1): 43-84..
- Boettke, Peter (2002) “Information, Knowledge and the Close of Friedrich Hayek's System: A Comment”, *Eastern Economic Journal*, 28(4): 343-349.
- Boettke, Peter; Shaeffer, Emily; Snow, Nicholas (2010) “The Context of Context: The Evolution of Hayek’s Epistemic Turn in Economics and Politics”, *Advances in Austrian Economics*, 14: 69-86.
- Butos, William; Koppl, Roger (1993) “Hayekian Expectations: Theory and Empirical Applications”, *Constitutional Political Economy*, 4(3): 303-29.
- Butos, William; Koppl, Roger (2006) “Does The Sensory Order Have a Useful Economic Future?”, *Advances in Austrian Economics*, 9: 19-50.
- Caldwell, Bruce (1988) “Hayek’s Transformation”, *History of Political Economy*, 20(4): 513- 41.
- Caldwell, Bruce (1994) “Hayek’s Scientific Subjectivism”, *Economics and Philosophy*, 10(2): 305-13.
- Caldwell, Bruce (1997) “Hayek and Socialism”, *Journal of Economic Literature*, 35(4): 1856-1890.
- Caldwell, Bruce (2004a) *Hayek’s Challenge: An Intellectual Biography of F.A. Hayek*. Chicago: University of Chicago Press.
- Caldwell, Bruce (2004b) “Some Reflections on F.A. Hayek’s The Sensory Order”, *Journal of Bioeconomics*, 6(1): 1-16.
- Di Iorio, Francesco (2010) “*The Sensory Order* and the Neurophysiological Basis of Methodological Individualism”, *Advances in Austrian Economics*, 13: 179-209.
- Fleetwood, Steve (1995) *Hayek’s Political Economy: The Socio-Economics of Order*. London: Routledge.
- Gray, John (1986) *Hayek on Liberty*. London: Routledge.

- Hayek, Friedrich A. (1935) “Socialist Calculation I: The Nature and the History of the Problem”, in Hayek, Friedrich A. (1948[1980]).
- Hayek, Friedrich A. (1937) “Economics and Knowledge”, in Hayek, Friedrich A. (1948[1980]).
- Hayek, Friedrich A. (1941) “The Counter-Revolution of Science”, in Hayek Friedrich A. (1952[1979]).
- Hayek, Friedrich A. (1942-44) “Scientism and the Study of Society”, in Hayek Friedrich A. (1952[1979]).
- Hayek, Friedrich A. (1943) “The Facts of the Social Sciences”, in Hayek, Friedrich A. (1948[1980]).
- Hayek, Friedrich A. (1944[2007]) *The Road of Serfdom: Text and Documents*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hayek, Friedrich A. (1945) “The Use of Knowledge in Society”, in Hayek, Friedrich A. (1948[1980]).
- Hayek, Friedrich A. (1946) “Individualism: True and False”, in Hayek, Friedrich A. (1948[1980]).
- Hayek, Friedrich A. (1948[1980]) *Individualism and Economic Order*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hayek Friedrich A. (1951) “Comte and Hegel”, in Hayek Friedrich A. (1952[1979]).
- Hayek Friedrich A. (1952[1979]) *The Counter-Revolution of Science: Studies on the Abuse of Reason*. Indianapolis: Liberty Fund.
- Hayek Friedrich A. (1952) *The Sensory Order: An Inquiry into the Foundations of Theoretical Psychology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hayek Friedrich A. (1955) “Degrees of Explanation”, in Hayek Friedrich A. (1967).
- Hayek Friedrich A. (1964) “The Theory of Complex Phenomena”, in Hayek Friedrich A. (1967).
- Hayek Friedrich A. (1967) *Studies in Philosophy, Politics and Economics*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hayek Friedrich A. (1974) “The Pretence of Knowledge”, in Hayek Friedrich A (1978) *New Studies in Philosophy, Politics, Economics and the History of Ideas*. London & Melbourne: Routledge & Kegan Paul.
- Hayek Friedrich A. (1983) “Nobel Prize Winning Economist”, Oral History Transcript, UCLA. Disponível em <https://archive.org/details/nobelprizewinnin00haye> (acesso em 08/07/2017).
- Hayek Friedrich A. (2010) *Studies on the Abuse and Decline of Reason: Text and Documents*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kirzner, Israel (1988) “The economic calculation debate: Lessons for Austrians”, *The Review of Austrian Economics*, 2(1): 1–18.
- Mauerberg Junior, Arnaldo (2013) “A complexidade e o construtivismo na economia”, *Revista de Economia Política*, 33(3): 446-462.
- Nolan, Mark Charles (2013) “Hayek’s 1945 Finlay Memorial Lecture: Tracing the origins and evolution of his ‘true’ individualism”, *The Review of Austrian Economics*, 26(1): 53-71.
- O’Driscoll, Gerald (1977) *Economics as a Coordination Problem: The Contributions of Friedrich A. Hayek*. Kansas City: Sheed Andrews & McMeel.
- Oliva, Gabriel (2016) *Hayek and complexity: coordination, evolution and methodology in social adaptive systems*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Economia, FEA-USP. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-06072016-152628/pt-br.php> (acesso em 08/07/2017).
- Popper, Karl (1957) *The Poverty of Historicism*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Steele, Gerald (1993) *The Economics of Friedrich Hayek*. New York: Palgrave Macmillan.
- Vaughn, Karen (1999a) “Hayek’s Implicit Economics: Rules and the Problem of Order”, *The Review of Austrian Economics*, 11(2): 129-144.
- Vaughn, Karen (1999b) “Hayek’s Theory of the Market Order as an Instance of the Theory of Complex, Adaptive Systems”, *Journal des Économistes et des Études Humaines*, 9(2-3): 241-256.